



MIGRAÇÕES SENHORIAIS NO LONGO SÉCULO XIX: COMPARAÇÕES, CONEXÕES E INTEGRAÇÕES

Leonardo Marques¹
Universidade Federal Fluminense

Waldomiro Lourenço da Silva Júnior²
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Com a lei brasileira de 13 maio de 1888, o último sistema escravista das Américas chegou ao fim. Os últimos senhores de escravos do hemisfério, no entanto, não eram apenas brasileiros. Entre eles estavam grupos de norte-americanos que migraram para o Brasil após o fim da Guerra Civil nos Estados Unidos e se estabeleceram nos estados do Pará, Paraná, Espírito Santo e, principalmente, São Paulo. Caso excepcional à primeira vista, a migração dos confederados – e o estabelecimento de muitos deles como senhores de escravos no Brasil – pode ser lida como parte de uma história mais longa de migrações senhoriais iniciadas pelos processos interligados de crise dos sistemas atlânticos e surgimento do abolicionismo. O presente artigo explora dois casos – as migrações de escravistas franceses no contexto da revolução haitiana e de sulistas norte-americanos após a Guerra Civil dos EUA – como forma de abordar diferentes estratégias de análise comparada da história da ascensão e queda da escravidão no longo século XIX.

Palavras-chave: Revolução haitiana; Guerra civil dos Estados Unidos; Segunda escravidão; História comparada.

MASTERS MIGRATIONS IN THE LONG NINETEENTH CENTURY: COMPARISONS, CONNECTIONS, AND INTEGRATIONS

Abstract: When Brazil abolished slavery on May 13, 1888, Brazilians were not the only slaveholders. Among them were groups of US masters who migrated to Brazil in the aftermath of the US Civil War, establishing themselves in the states of Pará, Paraná, Espírito Santo, and, especially, São Paulo. The migration of US southerners – and their establishment as slaveholders in Brazil – can be seen as part of a longer history of slaveholding migrations that started in the context of the interconnected processes of the crisis of Atlantic systems and the expansion of abolitionism. This article explores two cases – the migration of French refugees during the Haitian Revolution and US southerners after the US Civil War – as a strategy to discuss different forms of comparative analysis of the rise and fall of slavery in the long eighteenth century.

Keywords: Haitian Revolution; US Civil War; Second slavery; Comparative history.

Sebastian Conrad, em seu *What is Global History*, destaca a existência de abordagens concorrentes na historiografia com o objetivo de promover o cruzamento das fronteiras nacionais e a superação da compartimentalização do passado, razão de ser da História Global. Do ponto de vista metodológico, sobressaem perspectivas que passam pela comparação, pela conexão e pela

¹ E-mail: lm@id.uff.br.

² E-mail: w_lourenco@hotmail.com.

integração.³ A história comparada, mesmo tendo embasado estudos fundamentais, de Marc Bloch e Sérgio Buarque de Holanda a, mais recentemente, Kenneth Pomeranz e John Elliott,⁴ teve seus limites realçados em diversas ocasiões, com destaque para as considerações dos "historiadores-eletricistas" Sanjay Subrahmanyam e Serge Gruzinski, expoentes das histórias conectadas.⁵ O principal problema evocado é a lógica binária do método comparativo, o qual, em busca de semelhanças e diferenças, isolaria as unidades comparadas entre si, perdendo de vista as interações. Paralelamente, haveria outras duas tendências problemáticas: à homogeneização (pela desconsideração de especificidades internas não consideradas na comparação) e à teleologia (sendo um dos casos assumido como medida para o outro e a diferença tomada como signo de ausência, atraso ou incompletude). Diante desses embaraços, o foco nas conexões despontaria como alternativa, permitindo a reconstituição e a análise das interações, das justaposições, dos condicionamentos mútuos, das ligações históricas, enfim. Assim, a abordagem da história conectada consiste basicamente em "restabelecer as conexões internacionais e intercontinentais que as historiografias nacionais e as histórias culturais desligaram ou esconderam, entaipando as suas respectivas fronteiras".⁶

Todavia, Conrad sustenta que, para além das conexões, é necessário buscar as integrações, nisto devendo consistir, a seu juízo, o ponto de distinção da História Global em relação às outras abordagens. A diferença entre conexões e integrações, como enfoque analítico, reside na compreensão de que, enquanto as primeiras envolvem basicamente interações e intercâmbios, as segundas remetem a

³ CONRAD, Sebastian. **What is Global History?** Princeton: Princeton University, 2016. p. 1-16.

⁴ BLOCH, Marc. Para uma história comparada das sociedades europeias. In: BLOCH, Étienne (Org.). **História e historiadores**. Lisboa: Teorema, 1998. p. 119-150; BLOCH, Marc. Le Problème De L'or Au Moyen Age. **Annales D'histoire Économique Et Sociale**, v. 5, n. 19, p. 1-34, 1933; HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998; HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso: os motivos endêmicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994; ELLIOTT, John H. **Empires of the Atlantic World**. Britain and Spain in America, 1492-1830. New Haven: Yale University, 2006; POMERANZ, Kenneth. **A Grande divergência: a China, a Europa e a construção da economia mundial moderna**. Lisboa: Edições 70, 2013.

⁵ SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected histories: notes towards a reconfiguration of Early Modern Eurasia. **Modern Asian Studies**, v. 31, n. 3, p. 735-62, 1997. GRUZINSKI, Serge. Os mundos misturados da monarquia católica e outras *connected histories*, **Topoi**, v. 2, n. 2, p. 175-95, mar. 2001; GRUZINSKI, Serge. O historiador, o macaco e a centaura: a 'história cultural' no novo milênio. **Estudos Avançados**, v.17, n.49, p. 321-42, 2003.

⁶ GRUZINSKI, Serge, O historiador, o macaco e a centaura, Op.Cit., p. 323.

estruturas e a processos de transformações estruturais (que dizem respeito a esquemas, fluxos sistêmicos e padrões reiterados que ao mesmo tempo empoderam e restringem as relações sociais). Mas uma coisa não exclui a outra: o argumento é que as conexões globais são precedidas por condições estruturais. Para ilustrar seu argumento, o historiador alemão menciona o caso da introdução de relógios ocidentais no Japão Tokugawa no século XVII. Na época, essa transferência tecnológica, mediada por comerciantes holandeses, representou apenas um acréscimo ornamental, mantendo inalterada a ordem tradicional do tempo no país. Isso mudou após 1850, quando a inclusão da Ásia oriental no mundo capitalista mudou de patamar. Um dos ingredientes fundamentais das reformas desencadeadas na Era Meiji foi a introjeção da temporalidade ocidental na organização das novas dinâmicas sociais e econômicas. Desse modo, a importação cultural, sob novas condições, assumiu outro sentido e teve novos efeitos em um processo conjugado de mudanças das estruturas internas e externas.⁷

Em tese, parecem claros os ganhos escalonados entre histórias comparadas, conectadas e integradas. No entanto, vale relativizar este evolucionismo. Há algo de simplista em se reduzir a comparação histórica a um procedimento pautado única e tão somente na contraposição de unidades discretas em busca de semelhanças e diferenças. A identificação de pontos análogos entre os fatos e processos observados, bem como o exame das especificidades realmente traduzem traços essenciais da comparação histórica. Contudo, as interações desde logo estiveram na alça de mira dos estudos comparados. Marc Bloch, em seu artigo sobre o método comparativo, publicado originalmente em 1928, ponderava que semelhanças históricas nem sempre implicavam conexões ou mimetismos. Similaridades históricas, quando examinadas mais de perto, podiam revelar mais a conjuntura local do que permanências de outras épocas ou influxos de outras regiões: “as semelhanças em história’. disse Renan a propósito de Jesus e dos Essênios, ‘não implicam sempre aproximações’. Certo. Muitas semelhanças, ao examiná-las de perto, parecer-nos-ão irredutíveis à imitação.”⁸ Mas é necessário

⁷ CONRAD, Sebastian. **What is Global History?**, Op. Cit., p. 68-70.

⁸ BLOCH, Para uma história comparada, Op. Cit., p. 128

ter a perspectiva aberta para capturar a amplitude dos campos de determinações, evitando-se o risco de se recair em casos pseudo-locais. Ao se proceder dessa forma, podia-se chegar, inclusive, à constatação inversa, isto é, de que há fenômenos efetivamente interconectados ou articulados a processos mais amplos e unificados. Como exemplo, Bloch fazia alusão ao nascimento relativamente simultâneo de assembleias com características próximas em diferentes partes da Europa: *Etats Généraux*, na França, *Stände*, na Alemanha, *Parlamenti*, na Itália, *Cortes*, na Espanha. Nas palavras do historiador francês, “com efeito, um fenômeno geral só pode ter causas gerais”.⁹

Para além das interconexões, a sociologia histórica avançaria mais claramente no sentido da apreciação das integrações por meio da comparação. Em artigo de 1990, Philip McMichael, em diálogo com a perspectiva de sistemas-mundo, referência fundamental para se pensar condicionantes estruturais, buscou traçar uma ótica comparativa que tratasse da incorporação dos conjuntos históricos, sem, no entanto, presumir o governo das partes pelo todo. Nos termos dessa *comparação incorporada*, como o autor denomina o método, a totalidade não é um pressuposto, um pano de fundo ou uma espécie de campo de força previamente estabelecido, mas o resultado de um procedimento metodológico-conceitual obtido por meio da análise das relações e condicionamentos mútuos entre as partes. Sob este espectro, sem negar desníveis de poder, sobressaem interdependências e o caráter dinâmico das estruturas, amainando-se a relativa rigidez do modelo delineado por Immanuel Wallerstein. Como avaliou o historiador Dale Tomich, “esta abordagem busca ao mesmo tempo compreender histórias locais particulares como produtos de processos econômicos mundiais e contribuir para a nossa compreensão da complexidade histórica da própria economia mundial”.¹⁰

Absorvidas as críticas, entendidas as especificidades, melhor do que considerar comparações, conexões e integrações como abordagens concorrentes para o mesmo fim, é considerá-las possíveis estratégias moduláveis a um mesmo

⁹ Ibidem. p, 130

¹⁰ Ibidem. p. 152. Para uma apreciação crítica dos usos do conceito de segunda escravidão e a comparação incorporada, ver MUAZE, Mariana; SALLES, Ricardo H. (Org.). **O Brasil e o problema da Segunda Escravidão**. Niterói: EDUFF, prelo.

estudo, como buscaremos demonstrar por meio da análise de migrações senhoriais no longo século XIX. Tal abordagem está em sintonia com considerações recentes de Judit Bodnár, que propõe uma oscilação entre diferentes formas de comparação, combinando conexões e integração.¹¹ Demonstramos como, em um primeiro momento, as conexões produzidas por tais fluxos migratórios foram importantes para a construção da escravidão em novos espaços – a chamada “segunda escravidão” – em sintonia com as transformações estruturais mais amplas que levaram à reconfiguração do sistema no oitocentos. Escravistas franco-caribenhos, mais especificamente, participaram ativamente da transformação de Cuba e da Luisiana em princípios do século XIX. Em um segundo momento, exploramos como migrações senhoriais na segunda metade do século, quando tais condições estruturais estavam em um processo de nova reconfiguração, tiveram impacto semelhante ao do relógio no Japão seiscentista, qual seja, praticamente nenhum. Escravistas norte-americanos migraram em grandes números para o Brasil nas últimas décadas do oitocentos, mas deixaram poucas marcas em uma sociedade escravista em vias de decomposição. Tomando as migrações de senhores de escravos como fio condutor, exploramos comparações formais, histórias conectadas e análises integradas do processo de ascensão e queda da escravidão oitocentista.

A diáspora senhorial de Saint Domingue e a segunda escravidão

Evento fundamental para a crise dos sistemas Atlânticos, a Guerra dos Sete Anos (1756-1763) colocou em movimento uma série de políticas reformistas nos principais impérios europeus. Para autoridades imperiais, a guerra foi o momento-chave no qual perceberam quão disseminado era o contrabando nas Antilhas. No caso britânico, além das inúmeras evidências de comerciantes anglo-americanos envolvidos em trocas com o Caribe francês e espanhol, em uma clara violação dos *Navigation Acts* (o que acabava por acentuar a suspeição metropolitana em relação aos colonos), o fim da guerra ampliou o território do império com a inclusão de novos espaços como a Nova França e a Flórida, aumentando, assim, a necessidade

¹¹ BODNÁR, Judit. Comparing in Global Times: Between Extension and Incorporation. **Critical Historical Studies**, v.6, n. 1, p. 1-32, 2019.

de tropas para a proteção de seus domínios e, conseqüentemente, de recursos para financiá-las. São bem conhecidas as tensões que daí surgiram e levaram à declaração de independência dos Estados Unidos. Entre os franceses, a necessidade de maiores recursos após a derrota na Guerra dos Sete Anos e as novas políticas que buscavam estreitar as relações com elites coloniais levaram ao processo interligado de revolução na França e em Saint Domingue. Para espanhóis, por sua vez, a facilidade e rapidez da ocupação de Havana em 1762 pelos britânicos também contribuiu para uma percepção de atraso em relação aos impérios do noroeste europeu e a construção gradual de um importante programa de reformas imperiais. Autoridades espanholas adotaram novas estratégias para aumentar a arrecadação e dinamizar a produção agrícola em seus territórios.¹²

Gradativamente, as transações comerciais feitas pelos súditos espanhóis foram perdendo as amarras do mercantilismo espanhol, primeiro com a quebra do regime de porto único (1765), depois com o fim do sistema de frotas (1778). Todavia, a escassez de trabalhadores escravizados era um entrave muito destacado e insolúvel apenas por alterações de âmbito interno. O tráfico transatlântico de escravos sempre foi muito restrito no Império espanhol, dependente de licenças, *asientos* e contrabando. Em 1789, a liberdade para o infame comércio foi finalmente decretada, incluindo embarcações estrangeiras. Com isso, os portos cubanos foram integrados ao circuito caribenho do comércio negreiro, o que promoveu um nivelamento dos preços locais de entrada em relação às outras regiões antilhanas.¹³

A revolução do Haiti contribuiu significativamente para o movimento de reestruturação do escravismo hispano-caribenho no período, como imediatamente percebeu Francisco de Arango y Parreño, o grande porta-voz da elite agrária de

¹² Para uma comparação formal dos impactos da Guerra dos Sete Anos nos impérios britânico e espanhol, ver ELLIOTT, John Huxtable. **Empires of the Atlantic World**. Op. Cit. Para as conseqüências em Saint Domingue, ver GARRIGUS, John D. **Before Haiti: race and citizenship in French Saint-Domingue**. New York: Palgrave Macmillan, 2006. Para uma análise mais detalhada do próprio conflito, ANDERSON, Fred. **The crucible of war: the Seven Years' War and the fate of empire in British North America, 1754-1766**. New York: Alfred A Knopf; Distributed by Random House, 2000.

¹³ Sobre a Guerra dos Sete Anos e seus impactos em Cuba, ver SILVA JUNIOR, Waldomiro Lourenço. **Entre a escrita e a prática: direito e escravidão no Brasil e em Cuba, c.1760-1871**. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, 2015.; ELTIS, David. **Economic Growth and the Ending of the Transatlantic Slave Trade**. New York: Oxford University, 1987. p. 36.

Havana. Segundo ele, “hoy, en más feliz situación, por el funesto incremento que han tenido las desgracias del vecino, vendemos nuestros azúcares a un precio ventajosísimo”.¹⁴ Os dados disponíveis corroboram essa afirmação. Entre 1790 e 1801, a produção cubana de açúcar, que tinha como destino principal os Estados Unidos, cresceu a uma taxa de 6,7% ao ano, superando as 15 mil toneladas em 1792. Além disso, como salientou o oligarca havanês, os preços subiram vertiginosamente, passando de 12 *reales*, registrados antes da Revolução, para 20-24 *reales* a arroba imediatamente após a sua deflagração, ou seja, o valor obtido pela venda de açúcar na ilha espanhola duplicou.¹⁵ A produção cafeeira também se desenvolveu consideravelmente. Mas, diferentemente do açúcar, que já vinha ganhando fôlego desde a década de 1740, o café partiu praticamente do zero. Até meados do setecentos, a escala da produção do grão era muito reduzida. O governo espanhol buscou estimular essa cultura em 1767, quando isentou de impostos o café proveniente de Cuba e de outras possessões coloniais. No início da década seguinte, o consumo havia se generalizado localmente e algumas pequenas quantidades começaram a ser enviadas para a metrópole pelo porto de Havana. O ano de 1785 caracterizou um pico de exportações desse período inicial, registrando a saída de 26 toneladas métricas do produto. O número é insignificante se comparado aos índices centenas de vezes maiores atingidos por Saint Domingue na mesma época, mas demonstra o potencial existente para conversão da ilha espanhola numa região exportadora de importância crescente.

A revolução haitiana e o reformismo bourbônico em Cuba também se cruzaram de formas mais diretas nos anos 1790. Uma importante consequência da rebelião escrava que levou à destruição da colônia francesa de Saint Domingue foi a dispersão dos antigos senhores de escravos por outros territórios. Desde o início da rebelião, em agosto de 1791, escravistas da colônia migraram para diferentes partes das Américas, como Santo Domingo (metade espanhola da ilha de Hispaniola), Jamaica, Martinica, Guadalupe, Porto Rico e, principalmente, Cuba e

¹⁴ RODRÍGUEZ, Gloria García (Org.). **Biblioteca de Clásicos Cubanos**. Francisco de Arango y Parreño. Obras (volumen I). Havana: Imagen Contemporánea, Ciencia Sociales, 2005. p. 150.

¹⁵ TINAJERO, Pablo Tornero. **Crecimiento económico y Transformaciones sociales**. Esclavos, Hacendados y Comerciantes en la Cuba Colonial (1760-1840). Madrid: Ministerio de Trabajo y Seguridad Social, 1996. p. 165-171.

Estados Unidos.¹⁶ Cuba apresentava-se como um dos melhores destinos para os refugiados de Saint Domingue não apenas pela proximidade geográfica, mas principalmente pelo ambiente propício à expansão da fronteira mercantil. O principal investimento dos refugiados foi na produção cafeeira, aproveitando o potencial produtivo que, como vimos, vinha dando alguns sinais na colônia espanhola na década anterior. Com o vácuo na oferta internacional ocasionado pela Revolução haitiana e o aporte de capitais efetuado pelos refugiados de Saint Domingue, as exportações passaram a crescer exponencialmente. Logo, entre 1790 e 1794, Cuba decuplicou o volume das exportações do decênio anterior. Dez anos depois, as exportações atingiram a escala do milhar em termos de toneladas métricas. Em 1827, o café corresponderia a 58% de todas as exportações cubanas, superando pela primeira vez a cifra de 25 mil toneladas.¹⁷

Ao investirem na produção cafeeira, os migrantes também davam continuidade a um padrão que havia marcado a história de Saint Domingue na segunda metade do século XVIII. A rápida expansão da produção de café (e, em grande medida, anil) na colônia francesa foi marcada pela participação significativa de negros livres, principalmente porque os investimentos em capital e trabalho eram menores e os retornos mais rápidos. Nas palavras de Michel-Rolph Trouillot,

o café atraiu investidores que eram econômica e socialmente diferenciados. A produção de produtos secundários como o café aumentou as oportunidades de vários grupos dentre a população livre – brancos, negros e ‘de cor’. Como no caso das fazendas de açúcar, as

¹⁶ Para os números e destinos do período inicial de migrações, ver LACHANCE, Paul. Repercussions of the Haitian Revolution in Louisiana. In: GEGGUS, David P. (Org.). **The Impact of the Haitian Revolution in the Atlantic World**. Columbia: University of South Carolina Press, 2001. p. 209-30. Para a análise de trajetórias específicas de refugiados de Saint Domingue, bem como de alguns escravos, ver UTSET, Marial Iglesias. Los Despaigne en Saint-Domingue y Cuba: narrativa microhistórica de una experiencia atlántica. **Revista de Indias**, v. 71, n. 251, p. 77-108, 2011; SCOTT, Rebecca J.; HÉBRAD, Jean M. **Provas de liberdade: uma odisseia atlântica na era da emancipação**. Campinas: Unicamp, 2014. Em Porto Rico, de acordo com Luis Figueroa, “as técnicas, capital e escravos trazidos por muitos desses migrantes, em sua maioria brancos, mas também alguns livres de cor, forneceram ingredientes fundamentais para o desenvolvimento inicial das *haciendas* de açúcar e café entre as décadas de 1790 e 1810”. FIGUEROA, Luis A. **Sugar, Slavery, and Freedom in nineteenth century Puerto Rico**. Chapel Hill: University of North Carolina, 2005. p. 32.

¹⁷ GARCIA ÁLVAREZ, Alejandro. El café y su relación con otros cultivos tropicales en Cuba colonial. **Catauro. Revista cubana de Antropología**, v. 10, n. 18, p. 5-27, 2010.

propriedades de café dependeram fortemente dos fluxos de escravos africanos.¹⁸

A necessidade de investimentos mais baixos transformou o setor em uma importante via de ascensão econômica e social para a população de ex-escravos e seus descendentes na colônia. No entanto, o conjunto de políticas reformistas que foram implementadas por diferentes impérios atlânticos após o fim da Guerra dos Sete Anos (1756-1763), em parte resultantes de uma desconfiança generalizada em relação às elites crioulas, levaram à imposição de crescentes barreiras raciais nos espaços coloniais franceses. As tensões geradas pelas novas políticas explodiram no contexto da revolução francesa, estimulando o levante dos mulatos liderados Vincent Ogé em fins de 1790 e preparando o caminho para o início da revolta escrava em agosto de 1791.¹⁹

O “grande êxodo” de proprietários de Saint Domingue, para usar o termo de Gabriel Debién, que incluía grandes números daqueles mesmos negros livres e mulatos que contribuíram para a expansão do café e anil na colônia francesa, ocorreu em 1803, quando ficou evidente que o sonho de restaurar a velha Saint Domingue escravista havia naufragado. De acordo com uma autoridade cubana, aproximadamente 18.000 refugiados de Saint Domingue residiam em Cuba em 1804, com parte significativa deles concentrada em Santiago de Cuba, na parte oriental da ilha, e vários outros espalhados por outras partes da colônia, como San Nicolás, Alquizar e Artemisa, nas proximidades de Havana.²⁰ Os migrantes dividiam-se em três grupos principais: os mais ricos rapidamente naturalizaram-se espanhóis e tornaram-se residentes permanentes em Cuba; outros retiveram sua “nacionalidade”, realizando apenas o *juramento de fidelidade*, geralmente

¹⁸ TROUILLOT, Michel-Rolph. Coffee Planters and Coffee Slaves in the Antilles: the impact of a secondary crop. In: BERLIN, Ira; MORGAN, Philip D. **Cultivation and Culture: Labor and the shaping of slave life in the Americas.** University Press of Virginia, 1993. p. 126 Ver, também, TROUILLOT, Michel-Rolph. Motion in the System: coffee, color and slavery in Eighteenth-Century Saint Domingue. **Review**, v. 5, n. 3, p. 331-388, 1982. Sobre a importância da população de negros livres e mulatos na produção de anil, ver GARRIGUS, John. Blue and Brown: Contraband Indigo and the Rise of a Free Colored Planter Class in French Saint-Domingue. **The Americas**, v. 50, n. 2, p. 233-263, 1993.

¹⁹ GARRIGUS, John D. **Before Haiti**, Op. Cit.

²⁰ O governador de Santiago de Cuba, Kindelan, estimou que 19.635 refugiados de Saint Domingue chegaram na ilha entre 1800 e 1804. CHILDS, Matt D. **The Aponte Rebellion in Cuba and the Struggle against Atlantic Slavery.** Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2006. p. 40.

indivíduos com algum capital ou profissão – médicos, artesãos e afins; finalmente, a grande maioria dos migrantes era formada pelos estratos mais baixos de Saint Domingue, brancos e livres de cor pobres, além dos escravos.²¹ Quando, em 1809, seguindo ordens da Coroa espanhola, ordenou-se a expulsão de todos os franceses residentes em Cuba (como represália aos ataques de Napoleão), os que se naturalizaram puderam permanecer na ilha. A criação da comunidade de franceses na colônia espanhola facilitou o retorno posterior de vários indivíduos expulsos, que conseguiram recuperar suas propriedades. Não existem números sólidos, mas Levi Marrero crê não terem sido poucos os que retornaram a Cuba após 1812.²²

Os investimentos de refugiados de Saint Domingue logo começaram a apresentar resultados. Em 1807, ao menos 138 plantations na colônia espanhola eram de propriedade francesa.²³ Com terras menos valorizadas, a maioria dos migrantes estabeleceu-se em Santiago de Cuba, mas uma parcela dos franceses conseguiu, ainda assim, adquirir propriedades em Havana. Marrero menciona a existência de pelo menos 69 fazendeiros franceses na região havaneira às vésperas da expulsão de 1809. Em 1843, o número de plantations francesas subiu para 194, boa parte das quais ligadas à migração inicial da virada do século.²⁴ Aos que decidiram voltar a Cuba, especialmente após 1815, juntaram-se novos migrantes oriundos da França e de outras possessões francesas no Caribe. Processo semelhante ocorreu em Porto Rico, onde a Real Cédula de Gracias de 1815, que atendeu a uma série de reivindicações da elite crioula, teve papel fundamental na atração de estrangeiros para a ilha, na medida em que aboliu impostos

²¹ MELGAR, Maria Elena Orozco. La Implantacion Francesa en Santiago de Cuba. *In*: LAMORE, Jean (Ed.). **Les Francais dans L'Orient Cubain**. Bordeaux: Maison des Pays Iberiques, 1993. p. 48.

²² MARRERO, Levi. **Cuba: Economía y Sociedad - azucar, ilustracion y conciencia (1763-1868) (III)** Barcelona: Editorial Playor, 1984.

²³ Muitos migrantes vinham das regiões cafeeiras de Saint Domingue, como demonstra Debién. Contrastando a documentação referente de Saint Domingue e Cuba, o autor nota que, dos 62 nomes de franceses envolvidos com a produção cafeeira em Cuba em 1807, ao menos 35 haviam sido fazendeiros de café em Saint Domingue. Como havia sido o caso na rápida expansão do setor ao longo da segunda metade do XVIII, a necessidade de menos investimentos de capital e trabalho em comparação ao açúcar tornava a atividade mais atraente para todos os migrantes, quer tivessem experiência prévia com o cultivo ou não. DEBIEN, Gabriel. The Saint Domingue Refugees in Cuba, 1793-1815. *In*: BRASSEAU, CARL A; CONRAD, GLENN R (Org.). **The Road to Louisiana: The Saint-Domingue Refugees, 1792-1809**. Lafayette, La: Center for Louisiana Studies, University of Louisiana, 1992.

²⁴ Etat des propriétés rurales appartenant à des Français dans L'île de Cuba Expédié le 20 janvier 1843 reçu le 7 mars 1843. Ministère des Affaires Etrangères – Correspondance consulaire et commerciale. La Havane, Volume 13, microfilm P13688.

(notadamente sobre o comércio de escravos), liberou a importação de maquinário agrícola e permitiu a acolhida de indivíduos de nações católicas.²⁵ Figueroa indica que comerciantes, fazendeiros e trabalhadores especializados chegaram à ilha com 1.673.044 pesos, três vezes mais que o total de moeda em circulação na colônia em 1815. Esta “segunda colonização”, de acordo com o autor, “contribuiu para a inserção definitiva da ilha no Atlântico Norte.”²⁶ Joseph Dorsey igualmente enfatiza o impacto de migrantes que, além de trazer seus próprios escravos, abriram o caminho para a criação de novos fluxos de escravos africanos por meio de uma articulação entre o Caribe espanhol e as redes negreiras de franceses e holandeses.²⁷

A despeito de deslocamentos posteriores de franceses para Cuba, Debien argumenta que os refugiados inicialmente estabelecidos na ilha “se tornaram os ancestrais da maioria das famílias francesas mais bem conhecidas, bastante numerosos, e encontrados no entorno de Havana e especialmente nas províncias orientais da ilha.”²⁸ Como aponta Olga Portuondo Zuñiga, os migrantes tardios aproveitaram as estruturas criadas pelas primeiras famílias de imigrantes.²⁹ Não por acaso, Santiago de Cuba, o refúgio inicial da maioria dos migrantes, concentrava a maioria das fazendas de café de propriedade de franceses e seus descendentes em 1843 (tabela 1). A região possuía 148 fazendas francesas de café enquanto as áreas a oeste e no centro de Havana tinham 104. A jurisdição de Havana era muito mais diversificada e marcada por uma presença maior de fazendeiros envolvidos na produção de açúcar. Ao cruzarmos as listas de donos de plantations de 1809 com a de propriedades francesas de 1843, fica evidente que um grande número de famílias migrantes de princípios do século permanecia envolvida na produção agrícola na região. Em torno de 16% de todos os africanos escravizados permaneciam nas mãos das famílias identificáveis nas duas listas.

²⁵ GUIVEN FLORES, César. La Real Cédula de Gracias de 1815 para Puerto Rico Instrumento jurídico de reformas y cambios en la primera mitad del siglo XIX. **Anuario Mexicano de Historia del Derecho**, n. 8, p. 171-187, 1996.

²⁶ FIGUEROA, Luis A. **Sugar, Slavery**, Op. Cit. 56.

²⁷ DORSEY, Joseph C. Dorsey. **Slave Traffic in the Age of Abolition: Puerto Rico, West Africa, and the Non-Hispanic Caribbean, 1815-1859**. Gainesville: University Press of Florida, 2003. p. 29-31.

²⁸ DEBIEN, Gabriel. **The Saint Domingue**, Op. Cit., p. 33.

²⁹ PORTUONDO ZUÑIGA, Olga. Santiago de Cuba, Los Colonos Franceses y El Fomento Cafetelero (1798-1809). In: LAMORE, J. (Ed.). Op. Cit.

Com algumas exceções, o padrão foi de ampliação das escravarias dentre as famílias que permaneceram ou conseguiram retornar à ilha após 1812.³⁰

Além dos proprietários, muitos franco-caribenhos também se estabeleceram em Cuba como especialistas na produção de açúcar e café, vendendo seus serviços aos fazendeiros da ilha. Gabriel Debién tende a exagerar o papel modernizador dos franceses no interior de um império espanhol supostamente arcaico, mas, de fato, exemplos de uma forte participação franco-caribenha na transmissão de conhecimentos e técnicas da produção agrícola abundam na documentação, indo de exemplos mais óbvios, como Pierre-Joseph Laborie, migrante francês na Jamaica, cujo manual *The Coffee Planter of Saint Domingo*, foi traduzido e publicado em Cuba em fins da década de 1810, à participação direta de inúmeros refugiados que foram contratados para construir e supervisionar plantations na colônia espanhola. Contemporâneos enfatizavam a importância desses indivíduos, como o Capitão General Luis de Las Casas, que elogiava o trabalho e conhecimentos agrícolas dos refugiados. Las Casas, acompanhado de Arango y Parreño e Nicolás Calvo, chegaram a oferecer uma fazenda com escravos como sinal de boas vindas ao engenheiro de açúcar Estaban Lafayé. De acordo com o historiador Manuel Moreno Fraginals, franceses foram responsáveis pela construção de oito dos dez maiores engenhos de açúcar existentes na ilha em torno de 1804. Inúmeros franceses, portanto, atuaram no auxílio às produções cafeeiras e açucareiras em plantations de propriedade de espanhóis, norte-americanos e outros franceses, espalhadas pela ilha. O maior traficante da história dos Estados Unidos, James DeWolf, que eventualmente se tornaria senador e dono de uma das maiores fortunas da Nova Inglaterra, possuía três plantations, com mais de 400 escravos africanos espalhados por elas, quando faleceu na década de 1830. Parte do sucesso de suas plantations devia-se à

³⁰ Comparar a lista em DEBIÉN, G., Op. Cit., e Etat des propriétés rurales appartenant à des Français dans L'île de Cuba Expédié le 20 janvier 1843 reçu le 7 mars 1843. Ministère des Affaires Etrangères – Correspondance consulaire et commerciale. La Havane, Volume 13, microfilm P13688. Localizamos o nome de pelo menos 16 famílias nas duas listas.

supervisão de um refugiado francês que coordenava e organizava a produção em suas propriedades.³¹

O sucesso da produção cafeeira e açucareira de franceses em Cuba dependeu do fluxo contínuo de africanos escravizados, como fora o caso em Saint Domingue e na maioria das sociedades escravistas da era colonial. Apesar dos apelos de Arango pela construção de um setor espanhol do tráfico transatlântico de escravos, a colônia continuou a depender principalmente do suprimento de cativos por traficantes estrangeiros como James DeWolf. Entre a abertura do tráfico para a ilha e as leis de abolição do tráfico na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos de 1807, o abastecimento de escravos foi conduzido principalmente por britânicos e norte-americanos. A década de 1810, por sua vez, foi marcada por uma transferência de conhecimentos do tráfico e tentativas mais sólidas de construir um ramo espanhol do trato negreiro. Durante esse mesmo período, franceses redirecionaram suas redes do tráfico para Cuba, especialmente para Santiago de Cuba, onde estava concentrada a grande maioria de refugiados franceses na colônia espanhola. Com o fim de Saint Domingue, a colônia espanhola se tornou o mais importante destino de navios negreiros franceses. Há poucos dados e estudos sobre o trato negreiro francês para Cuba, mas a conexão com a comunidade de refugiados é evidente. Como em Porto Rico, os migrantes recriaram redes que conectaram seus novos lares ao tráfico transatlântico de escravos. Dos aproximadamente 30.000 africanos escravizados que foram desembarcados em Santiago de Cuba entre 1801 e 1830, algo em torno de 87% veio a bordo de navios franceses. Apenas 10% veio em navios espanhóis e os 3% restantes sob a bandeira dos EUA. A conexão entre fazendeiros e traficantes franceses era óbvia. A família Casamayor, por exemplo, envolvida no tráfico para Saint Domingue, teve em Prudente Casamayor, de acordo com o historiador Levi Marrero, uma das figuras fundamentais na organização da comunidade de migrantes franceses em Santiago de Cuba. Após comprar 134 hectares de terra da Real Hacienda e de alguns

³¹ Sobre Laborie e outros manuais escravistas, MARQUESE, Rafael de Bivar. **Feitores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Sobre norte-americanos e franceses em Cuba, MARQUES, Leonardo. **The United States and the transatlantic slave trade to the Americas, 1776-1867.** New Haven; London: Yale University, 2016. p. 40-41.

proprietários, organizou pequenos lotes para vender aos refugiados que chegavam à ilha.³²

Em torno dos anos 1830, a produção cafeeira na ilha começou a dar sinais de declínio. A crise se completaria na década seguinte, com a crescente especialização da ilha na produção de açúcar, resultado de uma alta nos preços de escravos combinada com a emergência do Brasil como grande competidor e uma série de furacões que devastaram parte significativa dos cafezais na ilha.³³ Os obstáculos à produção francesa foram também acentuados pela abolição do comércio de escravos pela França. O último navio francês a desembarcar escravos em Santiago de Cuba foi o *Caroline*, responsável pela venda de 440 cativos em 1827. Algumas viagens esporádicas organizadas por traficantes franceses chegaram a Matanzas e Havana nos anos seguintes, mas o fim da participação francesa no comércio de escravos tornava-se evidente.³⁴ Com a crise do café cubano na década de 1840, apenas um pequeno grupo permaneceu produzindo o artigo na parte oriental da ilha, sem grande peso para além da economia local. No entanto, as contribuições do conjunto de imigrantes franceses para a expansão das fronteiras escravistas em Cuba foram enormes. Enquanto o café saía de cena, o açúcar cubano se expandia e passava a dominar o mercado mundial.

Na Luisiana, ex-colônia francesa, os refugiados de Saint Domingue encontraram um ambiente ainda mais favorável que em Cuba, em grande medida porque se integraram ao processo de construção de uma sociedade escravista que já vinha sendo levado a cabo por outros colonos franceses desde o último quarto do século XVIII. Apesar de algumas tentativas francesas de estabelecer uma produção escravista de tabaco no Vale do Mississippi na primeira metade do setecentos, nos moldes do que ingleses desenvolveram em Chesapeake, foi apenas nas últimas décadas daquele século que a Luisiana, formalmente sob domínio espanhol entre 1763 e 1801, passou por uma expansão mais substancial da

³² MARRERO, L., Op. Cit., p. 82; DEBIÉN, G., Op. Cit., p. 63; Ver, também, FERRER, Ada. **Freedom's mirror: Cuba and Haiti in the age of revolution.** New York, NY: Cambridge University, 2014.

³³ ELTIS, D., Op. Cit., p. 191. PERÉZ JR, Louis A. **Winds of Change: Hurricanes & the Transformation of Nineteenth Century Cuba.** University of North Carolina, 2001.

³⁴ Sobre a abolição do tráfico francês, ver DAGET, Serge. France, Suppression of the Illegal Slave Trade, and England, 1817-1850. In: ELTIS, David; WALVIN, James. **The Abolition of the Atlantic Slave Trade: origins and effects in Europe, Africa, and the Americas.** The University of Wisconsin, 1981. p. 193-217.

produção agrícola com base no trabalho escravo. Colonos franceses, em aliança com autoridades espanholas e comerciantes britânicos, deram início à transformação do Baixo Vale do Mississippi em um espaço crescentemente escravista, processo que foi acentuado pela eclosão da rebelião escrava de Saint Domingue e os fluxos migratórios saídos da antiga colônia francesa. O processo integrado de expansão econômica na França e em suas colônias caribenhas gerava demandas por produtos primários nos dois lados do Atlântico que foram, em parte, supridas pelos colonos da Luisiana na segunda metade do XVIII. A produção escravista de anil e as peles trocadas com populações indígenas na fronteira eram principalmente exportadas para a Europa. A madeira (em parte extraída por africanos escravizados, cujo uso mais intensivo nas produções de anil era restrito ao período de colheita), assim como utensílios de madeira, como caixas de açúcar, tinha como principal destino as ilhas do Caribe escravista. Finalmente, uma produção de tabaco para suprir o mercado da Nova Espanha foi estimulada por autoridades espanholas. Todas essas atividades geraram uma demanda por trabalho escravo que foi suprida pelo tráfico transatlântico e inter-colonial de escravos. Pouco menos de 7,000 escravos foram desembarcados na Luisiana na década de 1780, em sua grande maioria via Caribe.³⁵ “Fazendeiros franceses, trabalhando em sintonia com autoridades espanholas,” argumenta John Craig Hammond, “ganharam maior controle sobre a vida de seus escravos tanto na lei quanto na prática com a redução ou eliminação de muitas liberdades costumeiras que escravos haviam conseguido desde o colapso do regime de plantation dos franceses nos anos 1730.” Por meio de punições públicas brutais e políticas de segurança e recompensa pela captura de escravos fugidos, a transição para uma sociedade escravista ia se consolidando.³⁶

Assim, quando a revolta escrava em Saint Domingue explodiu na década seguinte, a Luisiana estava pronta para tentar ocupar o lugar aberto pela crise na colônia escravista mais produtiva de fins do setecentos. Além do algodão, cujo

³⁵ Ver as estimativas de escravos embarcados diretamente da África (710) e os dados do comércio intra-americano (6.165) para o período 1780-1789 em <www.slavevoyages.org>.

³⁶ HAMMOND, John Craig. Slavery, Settlement, and Empire: The Expansion and Growth of Slavery in the Interior of the North American Continent, 1770-1820. *Journal of the Early Republic*, v. 32, n. 2, p. 175–206, 2012.

cultivo começava a se difundir em diferentes partes do Sul nos anos 1790, o açúcar emergia como uma possibilidade mais forte, principalmente porque a região começava a receber um crescente número de refugiados da mesma Saint Domingue, cuja experiência na produção do artigo era notória. Experimentos jesuítas com o cultivo de cana na Luisiana em meados do setecentos tiveram pouco sucesso. A despeito de outras tentativas de cultivo e refino, o deslanche da produção açucareira em larga escala veio apenas nos anos 1790 com os investimentos de Etienne Boré, um fazendeiro descendente de franceses e nascido na própria América do Norte. Boré é geralmente citado na historiografia como a figura decisiva na história do açúcar na Luisiana, mas igualmente fundamental para seu sucesso foi a supervisão de sua propriedade por Antoine Morin, este sim um refugiado de Saint Domingue. Nos anos seguintes, a produção açucareira na Louisiana cresceu significativamente, com algo em torno de 200 plantations dedicadas ao cultivo na década de 1810 com base nos métodos inicialmente desenvolvidos na propriedade de Boré. Tais desenvolvimentos contaram, também, com a participação de um enorme fluxo de migrantes de Saint Domingue, que atingiu um primeiro pico entre 1802 e 1804, quando algo em torno de 6.000 refugiados de Saint Domingue – brancos e negros livres, além de uma parcela significativa de escravos – chegaram à região.³⁷

Foi entre 1809 e 1810, no entanto, com a já mencionada expulsão dos franceses residentes em Cuba, que o maior de todos os fluxos migratórios chegou à Luisiana. Na ocasião, aproximadamente 9.000 migrantes entraram no estado, vindos especialmente de Baracoa e Santiago.³⁸ A listagem produzida pelas autoridades locais na época permite observar a composição social e racial dos refugiados da ex-colônia francesa.³⁹ A distribuição entre aproximadamente 1/3 de brancos, 1/3 de livres de cor e 1/3 de escravos estava distante da composição social da Saint Domingue pré-revolucionária, já que a população de meio milhão de

³⁷ HUNT, Alfred N. **Haiti's influence on antebellum America**: slumbering volcano in the Caribbean. Baton Rouge: Louisiana State University, 1988.

³⁸ DESSENS, Nathalie. **From Saint-Domingue to New Orleans**: Migration and Influences. University Press of Florida Year, 2007. p. 27.

³⁹ "An extract from the lists of passengers reported at the said Office by the captains vessels who have come to this port from the island. Of Cuba...; Mayor's Office, New Orleans." Disponível online em: <<https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47de-18d3-a3d9-e040-e00a18064a99>>.

escravizados na ilha era quase dez vezes maior do que a população de livres. Mas a divisão racial equilibrada entre brancos e negros livres estava em sintonia com a composição da classe senhorial na colônia francesa.⁴⁰ O fato de que os refugiados carregavam pouco mais de 3.000 africanos escravizados gerou um enorme debate na esfera pública norte-americana, especialmente porque o país havia proibido a entrada de quaisquer escravos no território nacional após o dia primeiro de janeiro de 1808. O debate chegou ao Congresso dos EUA: poderiam os refugiados entrar no país com seus escravos? A decisão final foi positiva, com o Congresso Nacional permitindo a entrada dos migrantes e seus cativos, vistos como fundamentais para o processo de estabelecimento desses indivíduos nas novas terras. Mais do que um reflexo da infiltração de interesses escravistas dos tradicionais estados sulistas no governo federal, como a Carolina do Sul ou a Virgínia, a decisão refletia o poder que a elite local de colonos franceses na Luisiana – formada tanto pelos antigos habitantes quanto pelos crescentes números de imigrantes – conseguiu reter mesmo após a venda e incorporação da região pelos Estados Unidos.⁴¹

O impacto gerado pela chegada dos imigrantes na Luisiana foi significativo. Em 1805, New Orleans tinha apenas 8.475 habitantes, 37,8% dos quais era de escravizados e 19% de negros livres. A população de escravos dobrava enquanto a de negros livres triplicava. Muitos franco-caribenhos se estabeleceram em diferentes atividades, principalmente na cidade de New Orleans, mas com a escravidão permanecendo um componente essencial do cotidiano desses habitantes. Como observa Paul Lachance, a partir da análise de um conjunto de inventários, havia uma tendência maior a investir em escravos por parte da população de migrantes do que o padrão geral da cidade.⁴² Além disso, como ocorrera em Cuba, muitos refugiados de Saint Domingue – brancos e negros – ofereceram seus serviços como supervisores, arquitetos, carpinteiros, mecânicos e engenheiros nas propriedades produtoras de açúcar, reduzindo os riscos que acompanhavam os altíssimos investimentos necessários ao setor. De acordo com

⁴⁰ MCCLELLAN III, James E. **Colonialism and Science**: Saint Domingue in the Old Regime. Baltimore and London: Johns Hopkins University, 1992. p. 49.

⁴¹ HAMMOND, J. Op. Cit.

⁴² LACHANCE, P. Op. Cit., p. 213-214, 223-224.

Lachance, ao lado do ensino, o trabalho nas plantations foi o mais procurado pelos refugiados. Há inúmeros exemplos na bibliografia de brancos e livres de cor que eram produtores de açúcar em Saint Domingue e que passaram a oferecer seus serviços após a chegada na Luisiana, em alguns casos procurando empregos, em outros, parcerias. Igualmente importante para imigrantes que conseguiram carregar seus escravos foi a prática de alugar seus cativos para outros produtores agrícolas. Em anúncios de jornal, refugiados anunciavam a experiência pregressa de seus escravos com a produção e o refino de açúcar, habilidades que poderiam ser aproveitadas por aqueles que investissem no aluguel daqueles indivíduos. Como argumenta Alfred Hunt, apesar da grande ênfase na contribuição dos migrantes brancos, ou mesmo dos livres de cor, historiadores da Luisiana “não tem considerado as contribuições igualmente importantes dos escravos cujo trabalho determinou o resultado das colheitas”.⁴³

A despeito de um certo declínio nas condições de parte dos imigrantes, especialmente dos antigos senhores de Saint Domingue que se viram obrigados a vender seus serviços na Luisiana (ainda que o salário de um especialista em açúcar pudesse chegar a 1.500 dólares), não foram raros os casos de refugiados que conseguiram se reestabelecer como proprietários de plantations escravistas, como Henri de Saint-Gême e Paul Mathias Anatole Paychaud, também contribuindo, assim, para a expansão do setor açucareiro do estado na primeira metade do oitocentos. Além dos escravos carregados pelos próprios imigrantes, os produtores da Luisiana tiraram vantagem de um amplo contrabando, que desembarcou um número considerável de africanos escravizados na região mesmo após a proibição do tráfico em 1808. Alguns dos corsários mais famosos da década de 1810, como os irmãos Lafitte, que aproveitaram o contexto das guerras napoleônicas e de independência da América espanhola para atacar navios negreiros espanhóis e vender os cativos a consumidores de New Orleans por meio da ilhas de Baratária e,

⁴³ Argumento parecido pode ser feito em relação à transmissão de conhecimentos da produção açucareira do Nordeste do Brasil para o Caribe no século XVII. Apesar dos debates em torno da importância de holandeses ou da autonomia dos investimentos britânicos, Russell Menard (ele mesmo um grande crítico da ênfase excessiva no papel dos holandeses) sugere que os escravos carregados do nordeste do Brasil podem ter sido importantes para o desenvolvimento da produção açucareira em Barbados. MENARD, Russell R. **Sweet negotiations: sugar, slavery, and plantation agriculture in early Barbados**. Charlottesville: University of Virginia, 2006.

posteriormente, Galveston, eram fortemente ligados à comunidade de refugiados franceses (além de contarem com refugiados em seus próprios bandos). Esse contrabando dos anos 1810, concentrado principalmente na Costa do Golfo, levou ao desembarque de algo entre 9.000 e 10.000 escravos nos Estados Unidos. A passagem de nova legislação entre 1818 e 1820, transformando a participação no trato negreiro em crime de pirataria e, conseqüentemente, passível de pena de morte, garantiu que tais práticas chegassem ao fim.⁴⁴

Ao contribuírem para a construção de novos sistemas de produção em Cuba e na Luisiana, os refugiados de Saint Domingue também contribuíram para a emergência de novas pressões sobre as antigas colônias francesas, como Guadalupe e Martinica, que sobreviveram às turbulências revolucionárias da virada do século. Enquanto as técnicas e conhecimentos franceses eram empregados em Cuba e na Luisiana, incrementadas pelas novas tecnologias oriundas da Revolução Industrial, produtores no Caribe francês esbarraram nos limites impostos pelas estruturas construídas ao longo do século XVIII. A expansão da produção açucareira em Cuba contou com uma fronteira aberta que permitia o estabelecimento de novas propriedades, muitas delas com engenhos mecanizados, energia a vapor e outras inovações técnicas como as caldeiras a vácuo. A Martinica, por sua vez, contava com as grandes usinas centrais e poucas terras livres que permitissem a expansão espacial do setor, levando a uma intensificação da exploração dos recursos existentes e a manutenção de políticas protecionistas da Coroa francesa para manter o setor vivo em um contexto de queda geral dos preços nos mercados mundiais (resultante do próprio sucesso de novas fronteiras açucareiras como Cuba e Luisiana).⁴⁵

Escravistas norte-americanos e a crise da escravidão no Brasil

Ao destruir uma das colônias mais produtivas de fins do setecentos, a revolução haitiana abriu o caminho para a expansão das fronteiras do café e do açúcar em espaços anteriormente periféricos nas Américas, como o Vale do

⁴⁴ Dessens, op. cit., p. 82-3; Marques, op. cit., p. 85-91.

⁴⁵ TOMICH, Dale W. Pequenas ilhas e grandes comparações: plantations caribenhas, desigualdade histórica e modernidade capitalista. In: __, **Pelo prisma da escravidão: trabalho, capital e economia mundial**. São Paulo: Edusp, 2011. p. 151-168.

Paraíba, a Luisiana e a ilha de Cuba. De modo decisivo, o fim de Saint Domingue também contribuiu para uma reorganização das fontes de algodão ao acabar com o sonho napoleônico de reconstrução de um império atlântico, tornando a venda da Louisiana (então sob domínio francês) aos Estados Unidos uma realidade. A incorporação do novo território pelo governo federal estadunidense foi objeto de rápida especulação, com o mapeamento de terras e a construção das estruturas necessárias à expansão da fronteira algodoeira. Não por acaso, em 1804, um ano após a venda da Luisiana, a Carolina do Sul reabriu o tráfico de escravos para o estado, em um claro movimento de abastecimento de cativos para as fronteiras agrícolas do interior, que, no entanto, também incluíam os produtores franceses de açúcar da Luisiana. Estes, como vimos, recorriam tanto aos fluxos transatlânticos quanto inter-americanos para acessar escravos africanos, práticas que foram suprimidas em 1820 com novos dispositivos legais contra a importação de escravos africanos para o país. Escravistas norte-americanos contribuíram para a construção de um consenso nacional contra o tráfico transatlântico de escravos, conseguindo, assim, separar a escravidão na república do comércio de escravos na África, um dos principais alvos de abolicionistas norte-americanos e britânicos. Assim, a legislação de fins dos anos 1810 consolidou o processo de domesticação do trato negreiro, com a emergência de rotas terrestres e marítimas que conectaram os antigos estados escravistas de Virgínia e Maryland – povoados por um amplo contingente de africanos escravizados e sem uma grande produção agrícola após o colapso das exportações de tabaco em fins do XVIII – às fronteiras agrícolas do interior. Aproximadamente 1 milhão de cativos foram transportados para os estados do Sul e Sudoeste entre as décadas de 1790 e 1860, 85% dos quais oriundos dos antigos estados do Sul, em especial os de Chesapeake. Os estados do Alabama, Mississippi, Luisiana e Texas, por sua vez, emergiam como os principais destinos desses escravos, recebendo algo em torno de 75% do total de indivíduos vendidos no comércio interno.⁴⁶ Além disso, os mesmos espaços recebiam

⁴⁶ FOGEL, R.W. **Without Consent or Contract**: the rise and fall of American slavery. New York: Norton, 1989. p. 64-65. Para uma revisão bibliográfica de algumas das principais obras sobre o tráfico doméstico de escravos nos EUA, ver MARQUES, Leonardo. O tráfico interestadual de escravos nos Estados Unidos em suas dimensões globais, 1808-1860. **Tempo**, v. 23, n. 2, p. 339-359, 2017.

senhores de escravos que carregavam suas próprias escravarias, número que não foi insignificante.⁴⁷ Escravistas franceses da Luisiana, por sua vez, se viram arrastados pelas transformações encabeçadas pelos escravistas norte-americanos que chegavam da Costa Leste, rapidamente imiscuindo-se e tirando vantagem da nova configuração. A construção do tráfico doméstico de escravos integrou New Orleans mais plenamente aos circuitos econômicos internacionais, favorecendo não apenas a expansão da fronteira algodoeira em todo o interior, mas também o setor açucareiro dos colonos franceses no Baixo Vale do Mississippi, que passou a receber novos cativos a partir das rotas vindas de Chesapeake.⁴⁸ Como observa Michael Tadmán, as plantations de açúcar da Luisiana foram consumidoras particularmente ávidas de escravos vendidos no tráfico doméstico.⁴⁹

Um forte movimento migratório de escravos e senhores de escravos associado à fronteira do algodão, portanto, emergiu após a aquisição da Luisiana e a legitimação da escravidão em parte dos novos territórios com o Compromisso do Missouri de 1820.⁵⁰ Em 1809, o algodão era o segundo produto mais importante do Sul, com a produção concentrada na Carolina do Sul e na parte leste da Geórgia, utilizando apenas 10% de toda a força de trabalho escravizada do Sul do país. Nas décadas seguintes, a expansão do algodão para o oeste transformou radicalmente a paisagem econômica da região, com a produção crescendo 10 vezes e a importância do produto nas exportações totais no Sul subindo para 64%. A

⁴⁷ Tadmán rejeita os números inicialmente apresentados por Fogel e Engerman em *Time on the Cross* de que apenas 16% dos escravos carregados para oeste teriam sido vendidos em mercados domésticos, e argumenta que esse número, na verdade, teria girado entre 60 e 70% de todos os escravos transportados. TADMÁN, Michael. The Inter-regional Slave Trade in the History and Myth-Making of the US South. In: JOHNSON, Walter (Org.) **The Chattel Principle: Internal Slave Trades in the Americas**. New Haven: Yale University Press, 2004. p. 117-142.

⁴⁸ HAMMOND, J. Op. Cit. Para a transformação do Vale do Mississippi no XIX, ver, de uma vasta bibliografia, JOHNSON, Walter. **River of dark dreams: slavery and empire in the cotton kingdom**. Cambridge, Massachusetts: Belknap Press of Harvard University, 2013; BAPTIST, Edward E. **A metade que nunca foi contada: A escravidão e a construção do capitalismo norte-americano**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

⁴⁹ TADMÁN, Michael. The Demographic Cost of Sugar: Debates on Slave Societies and Natural Increase in the Americas. **The American Historical Review**, v. 105, n. 5, p. 1534–1575, 2000. O interior açucareiro de São Paulo também parece ter tido uma relação particularmente forte com o tráfico de escravos. LIMA, Carlos A. M. Fronteira, cana e tráfico: escravidão, doenças e mortes em Capivari, SP, 1821-1869. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 22, n. 3, p. 899–919, 2015.

⁵⁰ Sobre o Compromisso do Missouri e a expansão da escravidão, cf. PARRON, Tâmis Peixoto. **A política da escravidão na era da liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846**. 2015. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

expansão da fronteira algodoeira inspirava indivíduos como Philips Fitzpatrick, que, nas palavras de James Oakes, “tinha que recriar para si o mundo da plantation de sua juventude”. Para consegui-lo, “ele teve que adquirir escravos, mas não em qualquer pedaço específico de terra. Ele era, assim, livre para se deslocar para oeste, e havia grandes motivos econômicos para fazê-lo, mas ele só podia se estabelecer em uma área que pudesse sustentar a produção sistemática de produtos para a venda.”⁵¹

Foi esse expansionismo escravista que foi interrompido pela Guerra Civil dos Estados Unidos. Ainda assim, inconformados com a situação, um número significativo de sulistas deu continuidade ao projeto de recriar o mundo da *plantation* que havia ficado para trás, desta vez com a migração para um dos últimos espaços no hemisfério que ainda mantinha viva a escravidão negra: o Brasil. Uma parcela de sulistas derrotados na guerra migrou para vários países, mas a grande maioria concentrou-se no México e, especialmente, no Brasil (que possui uma comunidade de descendentes norte-americanos até o presente).⁵² Como havia ocorrido em Saint Domingue meio século antes, a guerra pôs termo a um sistema econômico pujante que continuava a inspirar muitos de seus agentes. Em função da ausência de registros que permitam cálculos mais sólidos, estimativas do número de norte-americanos que se deslocaram para o Brasil variam entre 2.000 e 10.000 indivíduos.⁵³

É possível observar com um pouco mais de rigor, no entanto, a origem da maioria dos imigrantes e suas relações prévias com a escravidão. De acordo com uma lista produzida por um dos migrantes, contendo o nome, antigo estado de residência e ano de chegada no Brasil de 154 famílias, aproximadamente 67% veio do Texas, 25% do Alabama e porcentagens menores de outros estados sulistas.⁵⁴ Figuras como Asa Thompson Oliver vinham se deslocando pelos estados sulistas nas últimas décadas antes da guerra. Nascido em 1819, no condado de DeSoto,

⁵¹ OAKES, James. **Slavery and Freedom: An Interpretation of the Old South**. New York: Knopf, 1990. p.103.

⁵² ROARK, James L. **Masters without slaves: southern planters in the Civil War and Reconstruction**. New York: Norton, 1977.

⁵³ GOLDMAN, Frank P. **Os pioneiros americanos no Brasil (educadores, sacerdotes, covos e reis)**. São Paulo: Pioneira, 1972.

⁵⁴ *Ibidem*; JONES, Judith MacKnight. **Soldado descansando! Uma epopéia norteamericana sob os céus do Brasil**. São Paulo: Fraternidade Descendência Americana, 1998.

Mississippi, Oliver vivia com sua esposa, duas outras pessoas livres e 55 escravos no condado de Panola, também no Mississippi, em 1850. Naquele mesmo ano, seu pai ainda vivia no condado de DeSoto, com 79 escravos. Dez anos depois, seu pai vivia no mesmo lugar, mas sua escravaria havia caído para 69 cativos.⁵⁵ Asa Thompson havia migrado para o Texas com a sua família, onde a sua escravaria reduzira-se a 10 escravos. A centralidade da escravidão para a grande maioria de imigrantes que se transferiram para o Brasil após o fim da Guerra Civil é reforçada por outras trajetórias individuais presentes na Tabela 2. John Hancock Crisp, por exemplo, que também migrou com seus filhos para o Brasil, vivia no Texas, em 1860, com 146 escravos. Ele era parte dos 0.6% de senhores sulistas que possuíam mais de 100 cativos.⁵⁶ Independentemente do tamanho das escravarias, todos os indivíduos presentes na tabela foram proprietários de escravos em algum momento de suas vidas.

Grupos como a *Southern Emigration Society of Edgefield* e a *Southern Colonization Society* enviaram agentes para explorar terras brasileiras e divulgar seus achados, levando à publicação de um amplo material propagandístico de imigração para o Brasil. Um deles foi o de Richard Dunn, *Brazil, Home for Southerners*, que continha uma descrição do país e inúmeras cartas e documentos relacionados a outros migrantes norte-americanos. Dunn fundaria a colônia americana de Iguape, no litoral sul da província de São Paulo. Seu principal objetivo era afastar as percepções hostis a respeito do Brasil que demoviam

⁵⁵ Os dados vêm do <www.familysearch.org>, microfilme 0962059. No censo nacional dos EUA de 1850, o lugar de nascimento de Asa Thompson Oliver é a Geórgia.

⁵⁶ ENGERMAN, Stanley L.; SUTCH, Richard; WRIGHT, Gavin. Slavery. In: CARTER, SUSAN B. et al. (Org.). **Historical Statistics of the United States, Millennial Edition**. New York: Cambridge University Press, 2004. Nem todos os migrantes possuíam escravos antes da Guerra Civil. William C. Griggs menciona o caso de Alfred Iverson Smith que, de acordo com a sua filha, era “um separatista convicto e de princípios sulistas até o osso. Ele nunca possuiu um escravo em sua vida, mas acreditava nos direitos dos estados, conseqüentemente não podia concordar em se submeter ao domínio Yankee.” GRIGGS, William Clark. **The elusive Eden: Frank McMullan’s Confederate colony in Brazil**. Austin: University of Texas Press, 1987. De acordo com o censo nacional dos EUA de 1860, de fato, Smith vivia com a sua família no condado de Navarro, Texas, sem escravos. Apesar desse e de possíveis outros casos, nos parece inegável que a escravidão esteve no coração de todo o empreendimento migratório, quer olhemos para os migrantes antes ou depois da Guerra Civil. Uma leitura que explique o movimento migratório apenas pelo discurso dos direitos estaduais reproduz narrativas que eliminam a centralidade da escravidão na história da Guerra Civil norte-americana. Sobre a construção posterior de tais narrativas enquanto parte da conciliação no pós-guerra, ver BLIGHT, David W. **Race and Reunion: The Civil War in American Memory**. Cambridge, Mass: Belknap Press of Harvard University Press, 2001.

possíveis imigrantes. Após descrever a Constituição do Império e o profundo respeito à propriedade privada existente no país, Dunn afirmava que

Muitos acreditam, porque assim ouviram de políticos e patifes astuciosos, que desejam mantê-los neste país, que estrangeiros não podem ter propriedade no Brasil; especialmente de escravos. Isso não tem cabimento. Qualquer estrangeiro, não importa de onde venha, pode ter quantos escravos puder comprar, ou quantas propriedades, de qualquer tipo, ele puder pagar... Conheço um *yankee* de Massachusetts, que se recusa a naturalizar-se, e ainda assim possui muitos escravos. Conheço muitos senhores sulistas que compraram um grande número de escravos, e outras propriedades, durante o ano passado.⁵⁷

Dunn ainda incluiu relatórios que enviara ao Ministro da Cultura do Brasil. Por meio deles, leitores aprendiam a respeito das trajetórias de sucesso de escravistas brasileiros, como um que, após trabalhar na mineração em Minas Gerais, decidiu se mudar para a província do Espírito Santo, onde estabeleceu uma fazenda de café extremamente lucrativa. O fazendeiro impressionava-se com o apreço dos norte-americanos pelo cultivo de açúcar e algodão, argumentando que uma curta estadia no Brasil transformaria suas ideias em relação ao café. Dunn concordava com o fazendeiro brasileiro “que o cultivo do café é o canal mais lucrativo no qual o trabalho pode ser empregado”, mas apenas se “o *modo* de cultivo permanecer o mesmo”.⁵⁸ De acordo com o norte-americano, o conhecimento de seus conterrâneos a respeito da produção de algodão, combinado com as terras férteis disponíveis no Brasil, permitiria um novo boom do algodão. Não por acaso, Dunn dava grande ênfase às possibilidades comerciais e ao profundo respeito do império pela propriedade privada, especialmente de escravos. Para os imigrantes confederados, cuja expectativa era a de se estabelecer como produtores autônomos no Brasil, tais informações eram fundamentais. Nas palavras de um deles, os norte-americanos jamais se submeteriam aos desejos de fazendeiros brasileiros, pois eles também “precisam ser senhores.”⁵⁹

⁵⁷ DUNN, Ballard S. **Brazil, the home for southerners: or, A practical account of what the author, and others, who visited that country, for the same objects, saw and did while in that empire.** New York: G.B. Richardson [etc.], 1866. p. 40

⁵⁸ *Ibidem.* p. 113

⁵⁹ BARNESLEY, George Scarborough. “Notes on Brazil during the years of 1867 to 1880,” George Scarborough Barnesley Papers (microform), Emory University. Sobre a relação entre autonomia e

As propagandas surtiram efeito e colônias de norte-americanos foram sendo criadas a partir da segunda metade dos anos 1860 em diferentes partes do Brasil, de Santarém a Iguape. O mais importante destino dos migrantes, no entanto, foi Santa Bárbara D'Oeste, um distrito na província de Piracicaba, em São Paulo, uma importante região produtora de açúcar e café ao longo do século XIX. A maior parte da produção no distrito estava voltada ao abastecimento de alimentos para as plantations exportadoras de Piracicaba. Boa parte dos norte-americanos recém-chegados à região dedicou-se à produção de alimentos, como outros pequenos proprietários da região, mas o cultivo de algodão, em especial, expandiu-se rapidamente após a sua chegada. Em um mapa das propriedades na região do ano de 1866, Santa Bárbara aparece como lar de algumas grandes fazendas de algodão, a despeito da irregularidade de sua produção. A grande maioria dos escravos estavam nas fazendas de açúcar e café de Piracicaba, que, de acordo com o censo nacional de 1872, possuía 5.142 escravos; Santa Bárbara D'Oeste, 213.⁶⁰

Os norte-americanos acessaram, com certo sucesso, as terras e escravos necessários ao início da produção de algodão, seguindo modelos que remetiam, em alguns aspectos, ao processo de estabelecimento dos refugiados franceses em Cuba. Em seu estudo da comunidade norte-americana de Santa Bárbara, Alessandra Zorzetto encontrou referências a compras de terras por 101 famílias de imigrantes, com padrões de distribuição que refletiam a diversidade econômica do grupo migrante. As maiores propriedades foram compradas nos anos de 1866 e 1867 pelas principais famílias de migrantes iniciais, que tiveram um importante papel na organização de todo o movimento migratório.⁶¹ Diferentemente de Cuba, no entanto, os confederados não puderam contar com o tráfico transatlântico de escravos, que havia sido efetivamente suprimido no Brasil em princípios dos anos 1850. Em seu lugar, como havia sido o caso nos Estados Unidos, emergiu um vasto comércio interprovincial de cativos, no qual alguns norte-americanos conseguiram

propriedade escrava, ver MORGAN, Edmund S. *Escravidão e liberdade: o paradoxo americano. Estudos Avançados*, v. 14, n. 38, p. 121–150, abr. 2000.

⁶⁰ *Ofícios Diversos de Piracicaba*, lata 377, ordem 1172, pasta 6, “Mapa Agrícola da Constituição, 1866”, Arquivo Público de São Paulo

⁶¹ ZORZETTO, Alessandra Ferreira. **Propostas Imigrantistas em Meados da Década de 1860: a Organização de Associações de apoio à Imigração de Pequenos Proprietários Norte-Americanos – Análise de uma Colônia**. Campinas: Unicamp, dissertação de mestrado, 2000. GRIGGS, W, Op. Cit., descreve processo semelhante na colônia de Iguape, no sul de São Paulo.

participar com sucesso. Zorzetto estima que 37% dos migrantes chegaram a ter escravos entre as suas propriedades.

A trajetória de Asa Thompson Oliver exemplifica bem os mecanismos de participação no comércio de escravos e na produção de algodão. Por ocasião de sua morte em 1873, Oliver possuía 15 escravos (Tabela 3), três a mais que em sua antiga propriedade no Texas, em 1860, como vimos anteriormente. Dois deles eram africanos, um do estado do Rio de Janeiro e a maioria de Pernambuco, Bahia e Maranhão.⁶² Os bens de Oliver somavam 38:000\$000 *contos de reis*, uma fortuna significativa em uma zona dedicada à produção de alimentos para o mercado interno, fruto de seus investimentos na produção de algodão. Em seu inventário post-mortem, duas grandes dívidas passivas somavam quase 15:000\$000. A maior delas era devida a Martinho Prado & Wright, uma companhia localizada na cidade portuária de Santos, no estado de São Paulo.⁶³ Uma das principais figuras da companhia era William Turbutt Wright, um representante diplomático norte-americano de Maryland que atuou em diferentes momentos no Brasil. Em Santos, ele possuía um escritório comercial e um depósito de café enquanto atuava como vice-cônsul dos EUA. Era por meio da companhia de Wright que o algodão de Oliver entrava nos circuitos internacionais.⁶⁴

Em 1874, Wright deu início a uma ação legal na tentativa de recuperar uma dívida de 3:744\$273 *contos de réis* com outro produtor de algodão de Santa Bárbara, Alexander Crisp, filho de John Crisp, membro de uma das principais famílias responsáveis pelo movimento migratório, como vimos anteriormente. Em suas cartas a Wright, enviadas entre 1868 e 1871, Crisp enviou vários pedidos de

⁶² Sobre o tráfico doméstico no Brasil, ver SLENES, Robert W. *The Brazilian Internal Slave Trade, 1850-1888: Regional Economies, Slave Experience and the Politics of a Peculiar Market*. In: JOHNSON, Walter (Org.). **The Chattel Principle: Internal Slave Trades in the Americas**. New Haven [Conn.]: Yale University Press, 2005. p. 325-70; GRAHAM, Richard. Nos tumbeiros mais uma vez? O comércio interprovincial de escravos no Brasil. *Afro-Ásia*, n. 27, p. 121-60, 2002; TEIXEIRA, Luana. **Comércio interprovincial de escravos em Alagoas no Segundo Reinado**. 2016. Tese de doutorado – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016; SCHEFFER, Rafael da Cunha. **Tráfico interprovincial e comerciantes de escravos em Desterro, 1849-1888**. 2006. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

⁶³ Centro Cultural Martha Watts, Piracicaba: Inventário de Asa Thompson Oliver, 1873.

⁶⁴ Em 1871, Wright possuía uma casa de comércio de café e algodão enquanto ainda atuava como cônsul para os EUA, combinação que aparece, também, em 1875. Almanaque Laemmert e Almanaque Luna. Agradecemos a Ian Read por nos chamar a atenção para esses dados. Sobre a escravidão em Santos, cf. READ, Ian. **The hierarchies of slavery in Santos, Brazil, 1822-1888**. Stanford, California: Stanford University Press, 2012.

empréstimos enquanto descrevia as condições vividas pela comunidade de norte-americanos em Santa Bárbara. Em uma delas, dizia: “eu suponho que você ouviu a respeito do assassinato do Sr. Taswell Tanner, irmão do Col. Tanner – morto a sangue frio por três brasileiros – Col Tanner teve uma colheita melhor do que a do passado e se as pragas não vierem, ele produzirá o suficiente para pagar a você tudo que deve e comprar mais três ou quatro negros”. Tanner era um dos responsáveis por transportar a produção para Santos, negociar empréstimos e adquirir escravos. Em outra carta, Crisp perguntava se Wright poderia ajudá-lo com o “adiantamento de mil seiscentos e cinquenta (1650\$00 mil réis) até ele conseguir o descaroçador de algodão”. Se pudesse, deveria entregar o dinheiro a Tanner pois “eu quero mandar por ele para o Rio para me comprar um homem negro e ele já está a caminho”.⁶⁵

Fica evidente o sistema colocado em prática pelos imigrantes, do qual Alexander Crisp e Asa Thompson Oliver eram parte. Um comerciante encarregado de exportar sua produção, no caso, William Wright, também fornecia o capital necessário à compra de escravos e equipamentos para a produção algodoeira. Diferentemente do sistema cafeeiro e açucareiro desenvolvido por migrantes franceses em Cuba e na Luisiana, o sistema algodoeiro dos norte-americanos nunca floresceu, em parte por conta de recorrentes pragas na produção da região, o que a tornou bastante irregular. No entanto, mais importantes foram as transformações estruturais que colocaram a escravidão nas Américas em vias de extinção. O mesmo evento que havia levado à migração de norte-americanos para o Brasil, a vitória do Norte na Guerra Civil dos Estados Unidos, também marcou o início da crise da escravidão no Brasil, com o reconhecimento por parte de elites brasileiras de que a instituição estava fadada a acabar, o que levou à passagem da Lei do Ventre Livre em 1871.⁶⁶ Portanto, enquanto a chegada de escravistas em Cuba e Luisiana em princípios do oitocentos levou à rápida incorporação de seus conhecimentos e práticas para a construção da escravidão nos dois espaços, processo que era possibilitado por configurações políticas favoráveis à expansão

⁶⁵ Centro Cultural Martha Watts, Piracicaba: Ação Cível em que é réu Alexander Crisp, 1874

⁶⁶ Sobre o impacto da Guerra Civil dos Estados Unidos no Brasil, ver YOUSSEF, Alain El. **O Império do Brasil na segunda era da abolição, 1861-1880**. 2019. text – Universidade de São Paulo, 2019.

da instituição, a chegada dos norte-americanos no Brasil se dava precisamente quando o cativeiro no Brasil entrava em sua crise final. As redes globais do algodão eram reconfiguradas para possibilitar o fornecimento do produto sem a escravidão (o que, evidentemente, não significou o fim de outras formas de coerção) precisamente quando escravistas norte-americanos faziam sua última aposta do outro lado do hemisfério.⁶⁷ No Brasil, enquanto elites criavam alternativas para o fim do cativeiro, os novos migrantes tentavam recriar algo próximo do mundo que havia sido destruído pela Guerra Civil norte-americana. Os desafios colocados por tais transformações estruturais aos norte americanos eram, por sua vez, agravadas pelas tensões relacionadas à adaptação a uma nova sociedade escravista. Oliver foi assassinado por seu escravo Lourenço, crime que abalou profundamente a comunidade de norte-americanos no interior de São Paulo. Sua esposa venderia todos os escravos e voltaria aos Estados Unidos pouco depois de sua morte.⁶⁸ No ano seguinte, o já citado Coronel Tanner e seu filho se viram envolvidos em um processo criminal por terem torturado e tentado matar uma de suas escravas. Mathias Luiz Tanner seria condenado a alguns anos de prisão.⁶⁹ O uso do sistema judiciário pelos escravos era muito mais comum no ambiente brasileiro que norte-americano, especialmente no contexto de crise de fins do XIX. O fim da escravidão em 1888 seria a pá de cal no projeto escravista dos norte-americanos, estimulando o retorno de muitos para os Estados Unidos. A escravidão, elemento central a inspirar todo o movimento migratório, havia chegado ao fim.⁷⁰

Considerações finais: histórias integradas, metodologias integradas

Nas linhas que nos restam, buscaremos dissecar as estratégias metodológicas adotadas neste estudo. O ponto de partida é observar que a metodologia não está despregada de pressupostos fundamentais a respeito da natureza constitutiva dos fenômenos históricos. Nesta abordagem partimos de três

⁶⁷ BECKERT, Sven. **Empire of cotton: a global history**. First edition. ed. New York: Knopf, 2014.

⁶⁸ Centro Cultural Martha Watts, Piracicaba. Para considerações sobre o tráfico interno e tensões sociais, ver TEIXEIRA, Luana, "Atrevidos e belicosos": cativos insubmissos no comércio interprovincial de escravos. **Revista Brasileira de História**, v. 38, n. 79, p. 131-149, 2018.

⁶⁹ Centro Cultural Martha Watts, Piracicaba.

⁷⁰ Harter argumenta que ao menos metade dos imigrantes voltou para os EUA. HARTER, Eugene C. **The Lost Colony of the Confederacy**. Jackson: University Press of Mississippi, 1985.

concepções elementares. A primeira diz respeito à articulação entre transformação e estrutura. Não obstante as críticas, é preciso concordar com Immanuel Wallerstein, quando sustenta no último volume de sua grande obra que a realidade social é necessariamente dinâmica ("no sentido de que as mudanças inevitavelmente ocorrem a cada nanossegundo") e estrutural ("no sentido de que as ações sociais são condicionadas pelo sistema social histórico no qual estão inseridas").⁷¹ A segunda concepção é relativa a uma certa noção de evento histórico. Segundo William Sewell Jr., o evento não é qualquer acontecimento, mas "aquela subclasse relativamente rara de acontecimentos que significativamente transformam estruturas".⁷² A terceira, tomada do mesmo autor, diz respeito ao ajuste necessário à proposição de Wallerstein, no sentido de que "estrutura é tanto o resultado como a fonte da conduta social", isto é, não se trata de algo que apenas restringe e determina, mas de uma matéria maleável, que capacita a ação humana. Em suma, existe uma "rede de definição mútua".⁷³

A unidade de observação aqui considerada é a diáspora senhorial ocasionada por dois grandes eventos, a Guerra dos Sete Anos e a Guerra Civil Norte-americana. A primeira foi uma guerra mundial com múltiplos efeitos locais. A segunda, uma guerra local com múltiplos efeitos mundiais. O interessante a observar é que não se trata de histórias desconexas. Existe um arco de integração entre esses dois grandes eventos, qual seja, ambos estão associados, em épocas distintas, aos movimentos do capitalismo e da escravidão. Dessa forma, além das integrações horizontais, que ocorrem no nível da diacronia imediata (sequência dos acontecimentos) e da simultaneidade (aqui entram as conexões), consideram-se as integrações verticais, no nível do ciclo que se completa (aqui entra a comparação entre os resultados distintos da presença dos imigrados nos dois momentos examinados).

As respostas locais à demanda internacional por mercadorias agrícolas são determinadas pelo arranjo possível entre conjuntura política, ordem jurídica,

⁷¹ WALLERSTEIN, Immanuel. **The modern world-system IV: Centrist liberalism triumphant, 1789-1914**. California: University of California, 2011. p. XI.

⁷² SEWELL JR., William H. **Lógicas da história: teoria social e transformação social**. São Paulo: Vozes, 2017. p. 109.

⁷³ *Ibidem*. p. 209.

condições ambientais e disponibilidade de recursos materiais e humanos. Tomando Cuba e Luisiana como unidades de comparação, é possível identificar movimentos bastante correlatos, apesar das diferenças quanto aos respectivos marcos regulatórios, às dinâmicas políticas nacionais e às possibilidades de acesso à propriedade. A quantidade de imigrantes originários de Saint Domingue foi bastante próxima nos dois casos e a sua presença afetou de forma significativa a composição das forças produtivas, incluindo, evidentemente, os contingentes de trabalhadores, em um contexto de fronteiras abertas para a expansão, não apenas da agricultura de exportação, mas do próprio sistema de escravidão. Na outra ponta, décadas mais tarde, o Brasil receberia proprietários sulistas que trataram de buscar caminhos semelhantes aos trilhados por seus congêneres franceses, mas os resultados não foram os mesmos nem para eles enquanto grupo, nem para a economia local, em função das adversidades assinaladas ao longo da exposição. Até aqui o procedimento é de uma comparação bastante formal, isto é, procede-se à identificação de um fenômeno comparável por relação de analogia, a saber, a recepção de imigrantes proprietários de escravos, confrontando-se suas repercussões. Assim, exemplificamos e unificamos as duas possibilidades para o método previstas por Marc Bloch, a comparação de fenômenos próximos no tempo (passíveis de influências mútuas) e a comparação de fenômenos temporalmente apartados, vista por ele como menos profícua, mas que aqui demonstramos ser também bastante esclarecedora pelo prisma de uma perspectiva de integração.⁷⁴

De forma conjugada à comparação, advém o exame das conexões. A primeira conexão em evidência é entre os espaços de trânsito. Os recursos materiais e humanos liberados pela revolução do Haiti conectou sua história à de outras regiões do Caribe e da América do Norte. Conexão semelhante se daria entre Estados Unidos e o Brasil. Com isso, é possível identificar no intercâmbio gerado a intercorrência de um certo grau de hibridismo no escravismo atlântico. Ainda nesse nível, observa-se a ligação entre Cuba e Luisiana. O deslocamento de um lugar a outro teve implicações bastante sensíveis, que vão do nível das

⁷⁴ Bloch, "Para uma história comparada", p. 121-3. Para uma relativização dos limites colocados por Bloch sobre a comparação de fenômenos distantes no tempo, ver: SEWELL JR., William H. Marc Bloch and the Logic of Comparative History. **History and Theory**, v. 6, n. 2, 1967. p. 208-218.

experiências e interações, passando pela separação dos grupos, até a geração de gastos adicionais em função de uma segunda migração. O segundo nível de conexão buscado foi em relação ao tráfico de escravos. Como foi visto, traficantes franceses seguiram os passos de seus compatriotas, fornecendo contingentes expressivos de cativos para as regiões receptoras, especialmente Cuba. A desconstrução das malhas do tráfico transatlântico na América do Norte impediu conexão semelhante no período que se sucedeu à derrota dos Confederados.

Por fim, note-se que tais conexões só assumem o grau mais elevado de sua significação histórica se articuladas a condições estruturais. As disputas hegemônicas de meados do século XVIII e o processo que culminou na Revolução Industrial produziram e condicionaram a diáspora senhorial que acompanhamos em um primeiro momento. Mais tarde, as transformações estruturais relacionadas à mundialização do capitalismo industrial (Segunda Revolução industrial), para além da expansão geográfica, do desenvolvimento tecnológico e da diversificação dos artigos produzidos, também tiveram relação com modificações na forma de se articular as modalidades de exploração do trabalho, o que acarretou a desestruturação do escravismo atlântico. A este horizonte macroestrutural, articulamos a forma como se deu a integração entre os imigrantes e as condições objetivas para a sua especialização. Em Cuba, assim como em Porto Rico, além de condições ambientais propícias, havia uma política favorável à expansão da produção de açúcar e café, atividades que os migrantes conheciam bem. Nova reviravolta geopolítica pôs em confronto Espanha e o Império Napoleônico, culminando na expulsão de parte considerável dos imigrantes. Na Luisiana, após um momento de deliberação parlamentar, abriu-se caminho para o ingresso e o enraizamento daquele grupo, que ademais tinha uma identificação com o local por conta das origens francesas de sua colonização. No Brasil, o elo constituído em torno da possibilidade de ingresso e de constituição de propriedade escrava esbarrou nas limitações para a recriação da atividade original e do próprio escravismo, em um contexto de crise alimentado pelo mesmo evento que gerou a migração daquelas pessoas. Enquanto a diáspora senhorial francesa foi parte ativa da construção da segunda escravidão em Cuba e nos Estados Unidos no início do

século, a tentativa de construir algo semelhante no Brasil naufragou junto com o grande Titanic que a escravidão brasileira havia se tornado.

Tabela 1. Propriedades francesas por produto e número de escravos em Cuba, 1843

Produto	Fazendas	%	Escravos	%	Valor	%
Oeste – Jurisdição de La Havana						
Açúcar	2	4.9	294	14.2	610.000	22.8
Café	32	78.0	1612	77.9	1.886.000	70.5
Café e tabaco	2	4.9	84	4.1	66.000	2.5
Animais	1	2.4	24	1.2	20.000	0.7
Desconhecido	4	9.8	56	2.7	94.790	3.5
Total	41	100	2070	100.0	2.676.790	100.0
Centro – Jurisdição de La Havana						
Açúcar	23	15.0	1186	25.2	1715000.0	28.9
Café	74	48.4	3104	65.9	3473000.0	58.5
Café e açúcar	2	1.3	158	3.4	158000.0	2.7
Outros (tabaco, animais, alimentos)	26	17.0	180	3.8	378100.0	6.4
Desconhecido	28	18.3	83	1.8	217400.0	3.7
Total	153	100.0	4711	100.0	5941500.0	100.0
Leste – Jurisdição de Santiago de Cuba						
Algodão	26	14.5	690	9.45	550000	10.6
Açúcar	5	2.8	710	9.72	550000	10.6
Café	148	82.7	5904	80.83	4068300	78.7
Total	179	100.0	7304	100	5168300	100.0

Fonte: Etat des propriétés rurales appartenant à des Français dans L'île de Cuba Expédié le 20 janvier 1843 reçu le 7 mars 1843. Ministère des Affaires Etrangères – Correspondance consulaire et commerciale. La Havane, Volume 13, microfilm P13688.

Tabela 2. *Número de escravos e residência nos Estados Unidos de imigrantes confederados*

Nome	1850		1860	
	Escravos	Residência	Escravos	Residência
Asa T. Oliver	55	Panola, Mississippi	10	Austin, TX
John H. Crisp	- *	-	146	Colorado, TX
Green Ferguson	14	Chester, S.C.	12	Chester, SC
Ebenezel Seawright	-	-	6	Chatooga, GA
S M Pyles	6	Chatooga, GA	3	Cobb, GA
P M Finley	1	Edgefield, SC	0	Jackson, Florida
John Perkins	-	-	10	Grimes, TX
Robert Porter Thomas	-	-	12	Sevier, Arkansas
F M Bankston	-	-	3	-
James W Miller	3	Chester, SC	12	Chester, SC
William Norris	0	Dallas, AL	36	Monroe, AL
Martin F. Demaritt	-	-	36	Grimes, TX

Fonte: Censos nacionais dos EUA de 1850 e 1860. Para localizar os nomes de imigrantes no Brasil, coletamos os nomes presentes nos documentos utilizados neste artigo e nas lápides do cemitério dos norte-americanos em Santa Bárbara D'Oeste.

Tabela 3. *Escravidão de Asa Thompson Oliver*

Nome	Idade	Estado civil	Nascimento
Rita	25	Single	North of the Empire
Adão	40	Single	Africa
Rufino	46	Married	Africa
Lourenço	16	Single	Rio de Janeiro
Vicente	27	Single	Pernambuco
Leao	35	Single	Maranhao
Vicente de Tal	25	Single	Bahia
Manoel	-	Single	Pernambuco
Luis	28	Single	Maranhao
Angelo	26	Single	Bahia

Fonte: Centro Cultural Martha Watts, Piracicaba: autos crime em que são réus os escravos Lourenço e Angelo, 1873.

Bibliografia

ANDERSON, Fred. **The crucible of war: the Seven Years' War and the fate of empire in British North America, 1754-1766.** New York: Alfred A Knopf; Distributed by Random House, 2000.

BAPTIST, Edward E. **A metade que nunca foi contada: A escravidão e a construção do capitalismo norte-americano.** São Paulo: Paz e Terra, 2019.

BECKERT, Sven. **Empire of cotton: a global history.** First edition. ed. New York: Knopf, 2014.

BLIGHT, David W. **Race and Reunion: The Civil War in American Memory.** Cambridge, Mass: Belknap Press of Harvard University, 2001.

BLOCH, Marc. Le Problème De L'or Au Moyen Age. **Annales D'histoire Économique Et Sociale**, v. 5, n. 19, p. 1-34, 1933.

__. Para uma história comparada das sociedades europeias. In: BLOCH, Étienne (Org.). **História e historiadores.** Lisboa: Teorema, 1998, p. 119-150.

BODNÁR, Judit. Comparing in Global Times: Between Extension and Incorporation. **Critical Historical Studies**, v.6, n. 1, p. 1-32, 2019.

CHILDS, Matt D. Childs. **The Aponte Rebellion in Cuba and the Struggle against Atlantic Slavery.** Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2006.

CONRAD, Sebastian. **What is Global History?** Princeton: Princeton University Press, 2016, p. 1-16.

DAGET, Serge. France, Suppression of the Illegal Slave Trade, and England, 1817-1850. In: ELTIS, David; WALVIN, James. **The Abolition of the Atlantic Slave Trade: origins and effects in Europe, Africa, and the Americas.** The University of Wisconsin, 1981. p. 193-217.

DEBIEN, Gabriel. The Saint Domingue Refugees in Cuba, 1793-1815. In: BRASSEAU, CARL A; CONRAD, GLENN R (Org.). **The Road to Louisiana: The Saint-Domingue Refugees, 1792-1809.** Lafayette, La: Center for Louisiana Studies, University of Louisiana, 1992.

DESSENS, Nathalie. **From Saint-Domingue to New Orleans: Migration and Influences.** University Press of Florida Year, 2007.

- DORSEY, Joseph C. Dorsey. **Slave Traffic in the Age of Abolition: Puerto Rico, West Africa, and the Non-Hispanic Caribbean, 1815-1859.** Gainesville: University Press of Florida, 2003.
- DUNN, Ballard S. **Brazil, the home for southerners: or, A practical account of what the author, and others, who visited that country, for the same objects, saw and did while in that empire.** New York: G.B. Richardson [etc.], 1866.
- GLENN R (Org.). **The Road to Louisiana: The Saint-Domingue Refugees, 1792-1809.** Lafayette, La: Center for Louisiana Studies, University of Louisiana, 1992.
- ELLIOTT, John H. **Empires of the Atlantic World. Britain and Spain in America, 1492-1830.** New Haven: Yale University, 2006.
- ELTIS, David. **Economic Growth and the Ending of the Transatlantic Slave Trade.** New York: Oxford University, 1987.
- ENGERMAN, Stanley L.; SUTCH, Richard; WRIGHT, Gavin. Slavery. *In: CARTER, SUSAN B. et al. (Org.). Historical Statistics of the United States, Millennial Edition.* New York: Cambridge University, 2004.
- FERRER, Ada. **Freedom's mirror: Cuba and Haiti in the age of revolution.** New York, NY: Cambridge University, 2014.
- FIGUEROA, Luis A. **Sugar, Slavery, and Freedom in nineteenth century Puerto Rico.** Chapel Hill: University of North Carolina, 2005.
- FOGEL, R.W. **Without Consent or Contract: the rise and fall of American slavery.** New York: Norton, 1989.
- GARCIA ÁLVAREZ, Alejandro. El café y su relación con otros cultivos tropicales en Cuba colonial. **Catauro. Revista cubana de Antropología**, v. 10, n. 18, p. 5-27, 2010.
- GARRIGUS, John. Blue and Brown: Contraband Indigo and the Rise of a Free Colored Planter Class in French Saint-Domingue. **The Americas**, v. 50, n. 2, p. 233-263, 1993.
- . **Before Haiti: race and citizenship in French Saint-Domingue.** New York: Palgrave Macmillan, 2006.
- GOLDMAN, Frank P. **Os pioneiros americanos no Brasil (educadores, sacerdotes, covos e reis).** São Paulo: Pioneira, 1972.

- GRAHAM, Richard. Nos tumbeiros mais uma vez? O comércio interprovincial de escravos no Brasil. **Afro-Ásia**, n. 27, p. 121-60, 2002.
- GRIGGS, William Clark. **The elusive Eden**: Frank McMullan's Confederate colony in Brazil. Austin: University of Texas, 1987.
- GRUZINSKI, Serge. Os mundos misturados da Monarquia Católica e outras 'connected histories'. **Topoi**, v. 2, n. 2, p. 175-195, mar. 2001.
- __. O historiador, o macaco e a centaura: a 'história cultural' no novo milênio. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 321-42, 2003.
- GUIVEN FLORES, César. La Real Cédula de Gracias de 1815 para Puerto Rico Instrumento jurídico de reformas y cambios en la primera mitad del siglo XIX. **Anuario Mexicano de Historia del Derecho**, n. 8, p. 171-187, 1996.
- HAMMOND, John Craig. Slavery, Settlement, and Empire: The Expansion and Growth of Slavery in the Interior of the North American Continent, 1770-1820. **Journal of the Early Republic**, v. 32, n. 2, p. 175-206, 2012.
- HARTER, Eugene C. **The Lost Colony of the Confederacy**. Jackson: University Press of Mississippi, 1985.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso**: os motivos endêmicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- __. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- HUNT, Alfred N. **Haiti's influence on antebellum America**: slumbering volcano in the Caribbean. Baton Rouge: Louisiana State University, 1988.
- JOHNSON, Walter. **River of dark dreams**: slavery and empire in the cotton kingdom. Cambridge, Massachusetts: Belknap Press of Harvard University, 2013.
- JONES, Judith MacKnight. **Soldado descansa!** Uma epopéia norteamericana sob os céus do Brasil. São Paulo: Fraternidade Descendência Americana, 1998.
- LACHANCE, Paul. Repercussions of the Haitian Revolution in Louisiana. *In*: GEGGUS, David P. (Org.). **The Impact of the Haitian Revolution in the Atlantic World**. Columbia: University of South Carolina, 2001. p. 209-30.
- LIMA, Carlos A. M. Fronteira, cana e tráfico: escravidão, doenças e mortes em Capivari, SP, 1821-1869. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 22, n. 3, p. 899-919, 2015.

MARQUES, Leonardo. **The United States and the transatlantic slave trade to the Americas, 1776-1867**. New Haven; London: Yale University, 2016.

__. O tráfico interestadual de escravos nos Estados Unidos em suas dimensões globais, 1808-1860. **Tempo**, v. 23, n. 2, p. 339-359, 2017.

MARQUESE, Rafael de Bivar. **Feitores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MARRERO, Levi. **Cuba: Economía y Sociedad - azucar, ilustracion y conciencia (1763-1868) (III)** Barcelona: Playor, 1984.

MCCLELLAN III, James E. **Colonialism and Science: Saint Domingue in the Old Regime**. Baltimore and London: Johns Hopkins University, 1992.

MELGAR, Maria Elena Orozco. La Implantacion Francesa en Santiago de Cuba. *In*: LAMORE, Jean (Ed.). **Les Francais dans L'Orient Cubain**. Bordeaux: Maison des Pays Iberiques, 1993.

MENARD, Russell R. **Sweet negotiations: sugar, slavery, and plantation agriculture in early Barbados**. Charlottesville: University of Virginia, 2006.

MORGAN, Edmund S. Escravidão e liberdade: o paradoxo americano. **Estudos Avançados**, v. 14, n. 38, p. 121-150, abr. 2000.

MUAZE, Mariana; SALLES, Ricardo H. (Org.). **O Brasil e o problema da Segunda Escravidão**. Niterói: EDUFF, prelo.

OAKES, James. **Slavery and Freedom: An Interpretation of the Old South**. New York: Knopf, 1990.

PARRON, Tâmis Peixoto. **A política da escravidão na era da liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846**. 2015. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PERÉZ JR, Louis A. **Winds of Change: Hurricanes & the Transformation of Nineteenth Century Cuba**. University of North Carolina, 2001.

POMERANZ, Kenneth. **A Grande divergência: a China, a Europa e a construção da economia mundial moderna**. Lisboa: Edições 70, 2013.

PORTUONDO ZUÑIGA, Olga. Santiago de Cuba, Los Colonos Franceses y El Fomento Cafetelero (1798-1809). *In*: LAMORE, Jean. **Les Francais dans L'Orient Cubain**. Bordeaux: Maison des Pays Iberiques, 1993.

- READ, Ian. **The hierarchies of slavery in Santos, Brazil, 1822-1888**. Stanford, California: Stanford University, 2012.
- ROARK, James L. **Masters without slaves: southern planters in the Civil War and Reconstruction**. New York: Norton, 1977.
- RODRÍGUEZ, Gloria García (Org.). **Biblioteca de Clásicos Cubanos**. Francisco de Arango y Parreño. Obras (volumen I). Havana: Imagen Contemporánea, Ciencia Sociales, 2005.
- SCHEFFER, Rafael da Cunha. **Tráfico interprovincial e comerciantes de escravos em Desterro, 1849-1888**. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- SCOTT, Rebecca J.; HÉBRAD, Jean M. **Provas de liberdade: uma odisséia atlântica na era da emancipação**. Campinas: Unicamp, 2014.
- SEWELL JR., William H. Marc Bloch and the Logic of Comparative History. **History and Theory**, v. 6, n. 2, 1967.
- __. **Lógicas da história: teoria social e transformação social**. São Paulo: Vozes, 2017.
- SILVA JUNIOR, Waldomiro Lourenço. **Entre a escrita e a prática: direito e escravidão no Brasil e em Cuba, c.1760-1871**. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, 2015.
- SLENES, Robert W. The Brazilian Internal Slave Trade, 1850-1888: Regional Economies, Slave Experience and the Politics of a Peculiar Market. In: JOHNSON, Walter (Org.). **The Chattel Principle: Internal Slave Trades in the Americas**. New Haven [Conn.]: Yale University, 2005. p. 325–70.
- SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected histories: notes towards a reconfiguration of Early Modern Eurasia. **Modern Asian Studies**, v. 31, n. 3, p. 735-62, 1997.
- TADMAN, Michael. The Inter-regional Slave Trade in the History and Myth-Making of the US South. In: JOHNSON, Walter (Org.) **The Chattel Principle: Internal Slave Trades in the Americas**. New Haven: Yale University, 2004. p. 117-142.
- __. The Demographic Cost of Sugar: Debates on Slave Societies and Natural Increase in the Americas. **The American Historical Review**, v. 105, n. 5, p. 1534–1575, 2000.

TEIXEIRA, Luana, “Atrevidos e belicosos”: cativos insubmissos no comércio interprovincial de escravos. **Revista Brasileira de História**, v. 38, n. 79, p. 131-149, 2018.

____. **Comércio interprovincial de escravos em Alagoas no Segundo Reinado**. 2016. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

TINAJERO, Pablo Tornero. **Crecimiento económico y Transformaciones sociales**. Esclavos, Hacendados y Comerciantes en la Cuba Colonial (1760-1840). Madrid: Ministerio de Trabajo y Seguridad Social, 1996.

TOMICH, Dale W. Pequenas ilhas e grandes comparações: plantations caribenhas, desigualdade histórica e modernidade capitalista. *In*: ____ , **Pelo prisma da escravidão: trabalho, capital e economia mundial**. São Paulo: Edusp, 2011. p. 151-168.

TROUILLOT, Michel-Rolph. Motion in the System: coffee, color and slavery in Eighteenth-Century Saint Domingue. **Review**, v. 5, n. 3, p. 331-388, 1982.

____. Coffee Planters and Coffee Slaves in the Antilles: the impact of a secondary crop. *In*: BERLIN, Ira; MORGAN, Philip D. **Cultivation and Culture: Labor and the shaping of slave life in the Americas**. University Press of Virginia, 1993.

UTSET, Marial Iglesias. Los Despaigne en Saint-Domingue y Cuba: narrativa microhistórica de una experiencia atlántica. **Revista de Indias**, v. 71, n. 251, 2011, p. 77-108.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The modern world-system IV: Centrist liberalism triumphant, 1789-1914**. California: University of California, 2011

YOUSSEF, Alain El. **O Império do Brasil na segunda era da abolição, 1861-1880**. 2019. text – Universidade de São Paulo, 2019.

ZORZETTO, Alessandra Ferreira. **Propostas Imigrantistas em Meados da Década de 1860: a Organização de Associações de apoio à Imigração de Pequenos Proprietários Norte-Americanos – Análise de uma Colônia**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

ENDEREÇOS PARA CORRESPONDÊNCIA:

Leonardo Marques

Universidade Federal Fluminense - Instituto de História - Campus do Gragoatá
Rua Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis, Bloco O, sala 507 - 24210-201 - Niterói - RJ

Waldomiro Lourenço da Silva Júnior
Coordenadoria de Graduação - Depto de História - 6º Andar do Bloco E – CFH
Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Campus Universitário - Trindade - CEP 88.040-970
Florianópolis - Santa Catarina - Brasil

Recebido: 07/06/2019
Aprovado: 21/07/2019